

MARIA JOSÉ CORACINI
ELZIRA YOKO UYENO
MÁRCIA A. AMADOR MASCIA
(ORGANIZADORAS)

**DA LETRA AO PÍXEL
E DO PÍXEL À LETRA**
*UMA ANÁLISE DISCURSIVA
DO E SOBRE O VIRTUAL*

IDENTIDADE, LEITURA E ESCRITA,
FORMAÇÃO DE PROFESSOR E
ENSINO-APRENDIZAGEM
DE LÍNGUA

MERCADO[®]
LETRAS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 11

PARTE I

ESCRITA DE SI, FORMAÇÃO DE PROFESSOR
DE LÍNGUAS EM AMBIENTE VIRTUAL

OS *BLOGS* ESCOLARES E A ESCRITA DE SI: ENTRE A
REDAÇÃO ESCOLAR E OS DIÁRIOS VIRTUAIS 27
Maria José R. F. Coracini

CIBERSUJEITOS E TRANSFERÊNCIA: PARA ALÉM DO *SUJEITO*
FRACTAL E DA *PARRHESÍA* NA CORRESPONDÊNCIA
ENTRE ORIENTADOR E ORIENTANDO 47
Elzira Yoko Uyeno

ESCRITA DE SI NO *ORKUT*: IDENTIDADE E
(PÓS)-MODERNIDADE 79
Eliana Maria Severino Donoio Ruiz

WINDOWS, *SHODÔ* E *ETHOS*: UMA TELEOLOGIA
DO SUJEITO ÉTICO PELA ESCRITA VIRTUAL 113
Elzira Yoko Uyeno

PARTE II

LEITURA E ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA A DISTÂNCIA

TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO CIBERESPAÇO:
UMA NOVA ORDEM DO DISCURSO PEDAGÓGICO? 137
Maria de Fátima S. Amarante

PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS: FABRICAÇÃO DE
DISCURSOS E DE “NOVOS” REGIMES DE VERDADE 177
Fernanda Correa Silveira Galli

LEITURA INTERPRETATIVA NO CIBERESPAÇO:
O DISCURSO DOS APRENDIZES 195
Maria de Fátima S. Amarante

A ANTROPOMORFIZAÇÃO NO DISCURSO SOBRE
A TECNOLOGIA: UM ESTUDO DE CASO 221
Valesca Brasil Irala

PARTE III

DISCURSO POLÍTICO- EDUCACIONAL, PODER E VERDADE NO CIBERESPAÇO

ENTRE A MEMÓRIA E O ACONTECIMENTO: EDUCAÇÃO
E NOVAS TECNOLOGIAS – METÁFORAS DO PROGRESSO 237
Thiago Manchini de Campos

(RE)TORCENDO OS FIOS DO DISCURSO POLÍTICO
EDUCACIONAL DA EAD: UMA ANÁLISE DOS
DOCUMENTOS DO MEC 261
Taís Aparecida Lima
Márcia Aparecida Amador Mascia

A DISCURSIVIZAÇÃO DO PERFIL DE AUTONOMIA
DO APRENDIZ DE EAD COMO FORMA DE
HOMOGENEIZAÇÃO DAS SUBJETIVIDADES 285
Terezinha Rivera Trifanovas

PARTE IV

SUBJETIVIDADES E REPRESENTAÇÕES EM NOVAS TECNOLOGIAS

- APARELHOS CELULARES, CONSUMIDORES
DE BAIXA RENDA, SUBJETIVIDADES 319
Claudete Moreno Ghiraldelo
- UM PASSEIO PELO ORKUT: REPRESENTAÇÕES
SOBRE O 'SER BRASILEIRO' 343
Angela Derlise Stübe Netto
- SUBJETIVIDADES BILÍNGUES NO CIBERESPAÇO 369
Márcia Aparecida Amador Mascia
- O USO TERAPÊUTICO DO 'SECOND LIFE':
UM SIMULADOR DE IDENTIDADES 387
Maria José R. F. Coracini
Taís Aparecida Lima
- REPRESENTAÇÕES VERBAIS E NÃO VERBAIS –
DE GÊNEROS DIGITAIS EM ENUNCIADOS ESCOLARES 411
Gelsiane Resende Contijo Grigoletto
Fabiana Komesu
- SOBRE AS ORGANIZADORAS E OS AUTORES 429

*A todos que (info)navegam
sem recorrer, contudo,
ao piloto automático...*

*Não podemos fugir das nossas responsabilidades com nós mesmos
e com os outros, se quisermos usufruir da sociedade e da interação
com outros, porque os direitos não resistirão por muito tempo em
um espaço isento de nossas responsabilidades para com o outro.
O autocontrole é especialmente necessário no ciberespaço – onde
são nos atribuídas a responsabilidade e a oportunidade de forjar
uma nova cultura (John Thompson 1995).*

APRESENTAÇÃO

Apresentar uma obra, fruto de um projeto de pesquisa interinstitucional, sob a coordenação geral da Prof^a Maria José Coracini, com a duração de quatro anos, é, ao mesmo tempo, um prazer e uma grande responsabilidade. Prazer de constatar que o projeto interinstitucional “Da Letra ao Pixel e do Pixel à Letra no ensino-aprendizagem de Língua: uma análise discursiva da linguagem do e sobre o virtual” – projeto que não obteve financiamento (apesar de ter sido solicitado), o que torna ainda mais meritória a produção resultante –, teve resultados concretos sob a forma de teses, dissertações e monografias, como trabalhos de conclusão de curso (TCC), apresentados e defendidos ao longo do período, em diferentes instituições (Unicamp, Unitaú, USF, USP, PUCCamp, ITA, dentre outras), artigos publicados em periódicos arbitrados, apresentações em sessões de comunicação oral em congressos e reuniões científicas, em âmbito nacional e internacional e, agora, sob a forma de livro, organizado por três dos membros do grupo de pesquisa, docentes de diferentes instituições paulistas (Unicamp, Unitaú e USF).

Mas, retornemos ao primeiro parágrafo desta apresentação. Falávamos que apresentar uma obra como esta convoca em nós, organizadoras, o senso de responsabilidade. O que quisemos dizer com isso? Somos as três pesquisadoras e docentes vinculadas a Programas de Pós-graduação – uma na área da Educação e duas na área da Linguística Aplicada – preocupadas com o ensino e com a formação de professores, com o ensino-aprendizagem de línguas (portuguesa e estrangeiras). Por que razão, então, não dedicamos nosso tempo à elaboração de material didático numa área que está apenas começando em nosso país? Em primeiro lugar, porque já há colegas na área se dedicando a isso; em segundo

lugar, porque nosso grupo de pesquisa parte do princípio de que, embora nos esforcemos, embora invistamos nosso tempo na busca de saídas consideradas “novas” para o ensino, o parâmetro que se nos apresenta é aquele que nos constitui enquanto herdeiros da cultura ocidental e enquanto profissionais, cuja formação está vinculada a livros didáticos – e isso desde que entramos na escola, com o uso frequente de uma cartilha. É evidente que nada se repete tal e qual, mas também nada é tão novo que não possamos reconhecer em tudo o que fazemos traços fortes do que já existia. Para constatarmos o que estamos dizendo, basta observar um material didático construído para ser usado a distância: as atividades, os exercícios são muito semelhantes aos encontrados nos livros didáticos em papel. Em outros textos, falamos da internalização do livro didático (Coracini 1991) e ela nos assombra o tempo todo. Mas, é evidente, isso não é prerrogativa dos professores brasileiros...

Preferimos, então, enfrentar a resistência de colegas que não veem no que fazemos utilidade alguma, nem sequer contam nossa produção na área da Linguística Aplicada, problematizar, questionar ou, se preferirem, desconstruir (o que não significa destruir, já que este vocábulo pressupõe outra construção no lugar daquela que desapareceu ou que parece necessitar de mudanças), porque acreditamos que só assim é possível provocar deslocamentos, fomentar transformações que não sejam apenas aparentes, mudanças de postura do professor diante do conhecimento, diante dos alunos, mudanças no próprio professor, no modo de se ver, de ver a língua que ensina e que aprendeu, de ver os seus alunos, a direção e a coordenação da escola onde trabalha. Ao observar sua própria aula ou aulas de colegas, talvez ele se dê conta das possíveis consequências do que diz, de como diz, do momento em que diz, consequências que, ainda que não perceba, atingem os alunos.

O ensino a distância não é diferente; ao contrário, a relação, que parece mais democrática é ainda mais autoritária, na medida em que permite ao professor um maior controle sobre o aluno: ele pode retornar ao ambiente virtual e rever *a posteriori* a aula, as discussões, o que cada aluno falou, quem não participou, quem não abriu a página para fazer as atividades propostas, a que horas cada aluno se conectou etc. etc. Seria, então, mais democrático o ensino a distância? Formaria um aluno mais autônomo? O material seria realmente novo? O que se retoma do ensino presencial e o que se apresenta de forma diferente? O aumento de motivação, se isso de fato acontecer, se deve a quê? Ao material,

à ausência do professor ou ao veículo? A representação de aluno não corresponde às aquelas encontradas nas aulas presenciais ou nos materiais didáticos em papel? Como os textos escritos diretamente em pixels, digitados, portanto, no teclado (como os blogs escolares) funcionam? Em que se distinguem das redações escolares (em papel?). Como funciona o ciberespaço na constituição da identidade dos usuários? Essas são algumas das questões que nos interessa responder, embora apenas algumas constituam objeto de algum capítulo desta obra.

Responsabilidade, portanto, para com o leitor que, certamente, tem expectativas com relação a esta publicação, que, como qualquer outra, está sempre e inevitavelmente voltada para aquele que vai produzir sentido no exato momento em que lançar seus olhos, em que dirigir sua atenção para cada um dos textos da coletânea, para cada uma das partes da obra. É para esse leitor, professor ou não, interessado em percorrer conosco alguns recantos do imenso universo dos internautas – o ciberespaço –, preocupado em discutir, problematizar, pensar a respeito das possíveis mudanças que a passagem da letra ao píxel provocou e continua provocando. É para esse leitor que fornecemos algumas explicações a respeito da obra e cada capítulo em particular.

A temática que orientou as pesquisas, como já dissemos, gira em torno das chamadas novas tecnologias e do impacto que elas têm causado no cotidiano de cidadãos brasileiros, trazendo transformações inevitáveis para a constituição da subjetividade dos usuários, para o ensino e para a sociedade de modo geral. É bem verdade que o tema não é tão original assim, pois proliferam livros e artigos em torno da escrita na internet, da linguagem usada na internet (o chamado internetês), do uso de computadores no ensino presencial e, sobretudo, no ensino a distância, em todas as disciplinas acadêmicas, desde o ensino fundamental até os cursos de pós-graduação. Mas, a forma de tratamento dado ao tema, a base teórica que fundamenta a análise dos diferentes *corpora* constituem aspectos inovadores.

De um lado, a preocupação em não propor soluções nem sugestões de material didático ou de metodologia, mas em lançar um olhar questionador e problematizador – como já dissemos – sobre uma realidade que está aí para ficar e contra a qual nada há a fazer a não ser desnaturalizá-la para que tenhamos consciência de alguns de seus possíveis efeitos na sociedade e na constituição subjetiva dos usuários – dentre os quais nós mesmos – e, assim, não sejamos surpreendidos por mudanças drásticas no modo de pensar e agir daqueles que

conosco se relacionam. Por outro lado, a preocupação em não considerar de antemão que a solução dos problemas práticos do dia a dia no ensino de línguas (área que nos interessa de perto) está nas mãos da tecnologia, como parecem pressupor textos da área e orientações do MEC estimulando o EaD, por exemplo.

Do ponto de vista teórico, embasam os capítulos aqui apresentados teorias do discurso, com grande ênfase em Michel Foucault, sobre as noções de poder-saber, de formação e prática discursivas, de agenciamento, de tecnologias de si; concepções oriundas da psicanálise freudo-lacianiana, sobretudo no que diz respeito à concepção de sujeito descentrado, cindido, sujeito da linguagem ou do desejo ou da falta, sujeito do gozo; o olhar problematizador da desconstrução derrideana, lançado sobre os efeitos da tendência às dicotomias, característica do logos, da racionalidade que embasa todo o pensamento e a forma de viver da cultura ocidental, da qual somos herdeiros, sobre toda e qualquer teoria, na medida em que busca propor a verdade, a lei, categorizando tudo o que é observado ou observável; as teorias sociais, sobretudo no que diz respeito aos modos como interpretam o momento histórico-social da contemporaneidade, chamado por uns de pós-modernidade, por outros, de modernidade líquida (Bauman), de hipermodernidade ou era do vazio (Lipovetsky), por se caracterizar pelo excesso, pela espetacularização de tudo e de todos, de modernidade tardia (Giddens), de sobremodernidade (Augé), dentre outras designações que apontam para o foco que cada filósofo ou sociólogo assume como mais importante – os valores e comportamentos, o consumo, o tempo, etc. – para a definição das mudanças pelas quais o mundo está passando.

Essas mudanças têm a ver com o poder da mídia, com o consumo exacerbado, com o exibicionismo e o voyeurismo, com a objetificação de tudo e de todos, com a dissolução dos valores morais, religiosos, culturais, substituídos pelo culto ao dinheiro, na esperança de tudo poder, de não se comprometer com nada e com ninguém e, assim, ser mais livre, mais independente, de tudo poder comprar e substituir tão logo aqueles objetos (ou pessoas) não sirvam mais aos objetivos ou desejos do “comprador”. Culto ao dinheiro que lhe permite o acesso – quando essa possibilidade existe (porque é preciso ter dinheiro...) – às chamadas novas tecnologias, que, a cada dia, substituem as mercadorias por outras mais potentes, mais promissoras, mais abrangentes; afinal, é graças aos “avanços” da tecnologia que podemos viajar, conhecer lugares e pessoas de terras e línguas desconhecidas, conversar com amigos e parentes que se encontram geográfica e

temporalmente distantes, sem que, para isso, seja necessário qualquer tipo de deslocamento. É nesse contexto, chamado por alguns de pós-moderno, marcado pelo esfacelamento do sujeito e da sociedade e atravessado pela ideologia da globalização e pelos princípios do neoliberalismo, que se encontram as realidades que abordamos bem como os participantes de algumas das pesquisas de que resultam os capítulos que apresentamos a seguir.

A primeira parte da obra, que se intitula *Escrita de si, formação de professor de línguas em ambiente virtual*, apresenta quatro capítulos, congregando estudos que contemplaram os processos de subjetivação que se realizam por meio da escrita em ambiente virtual.

De autoria de Maria José Coracini e lançado como pedra fundamental da obra, o capítulo, “Os *blogs* escolares e a escrita de si: entre a redação escolar e os diários virtuais”, analisa o *blog*, espaço virtual em que se tecem relações sociais contemporâneas. Trabalhando sob uma perspectiva que se encontra no espaço – simultaneamente tenso e difuso, mas profícuo – entre teorias do discurso (com base principalmente em Michel Foucault), a desconstrução derrideana (problematizando o que parece evidente e natural, a começar pela racionalidade e pelo pensamento dicotômico, característica da epistemologia ocidental) e a psicanálise lacaniana, no que diz respeito ao sujeito (descentrado, cindido, sujeito do inconsciente, também denominado sujeito da falta ou do desejo), Coracini analisa a intrigante modalidade virtual da escrita juvenil. Mais precisamente, a autora lança um olhar sobre os *blogs* escolares, a fim de compreendê-los na sua relação com os *blogs* pessoais, quanto às condições de produção, ao seu funcionamento e aos possíveis efeitos tanto na aprendizagem quanto na construção da identidade do sujeito-aluno. A nova economia psíquica (a do sujeito do gozo), imersa na sociedade de consumo, enfatizada pela mídia, parece se satisfazer com o consumo desenfreado, sobretudo, de objetos virtuais, que, de forma enganosa, prometem a felicidade, a satisfação dos desejos, a realização pessoal, quando, na verdade, apenas satisfazem as pulsões, o que favorece o sujeito do gozo, também denominado sujeito da pulsão, sujeito do imaginário ou sujeito pós-edípiano que não aceita ser marcado pela falta ou não gozar de uma felicidade “plena”. Os registros analisados pela autora, entretanto, apontam para um sujeito híbrido, marcado, de um lado, pelo desejo e, portanto, pela falta, e, de outro, pelo gozo, pela pulsão ao consumo de tudo e de todos, objetos descartáveis e facilmente substituídos: é nessa tensão que se encontra o sujeito da chamada pós-moderni-

dade, entre os valores do passado e os agenciamentos do presente, em que o consumo é a chave-mestre de tudo. A partir dos resultados obtidos, a autora propõe a promoção pelo professor da discussão com os alunos sobre o uso das tecnologias, desmitificando-as, desfeticizando-as, em lugar de dirigir uma crítica feroz à escrita pela desobediência à ordem, às regras, que, por serem regras, estão fadadas à violação, à violência, à des-regulação, à des-ordem por crianças e jovens.

Em “Cibersujeitos e transferência: para além do *sujeito fractal* e da *parrhesía* na correspondência entre orientador e orientando”, Elzira Yoko Uyeno analisa os processos de subjetivação do orientador e do orientando de dissertação de mestrado *stricto sensu*, em interações à distância, buscando entender se a interação entre esses cibersujeitos propicia ou impede a transferência na especificidade lacanianiana. Os psicanalistas, em sua maioria, consideram que “o discurso do internauta” é um discurso sem sujeito, fundamentando-se no pressuposto de que a lógica eletrônica das redes, da interatividade subjetiva, homogeneiza todas as mensagens, todos os códigos; sendo, à sua visão, todos os emissores e destinatários encodificados em tais mensagens, a desolação, no sentido próprio da privação do território existencial, esvazia toda subjetividade e todo desejo (Blaquier 2005). Analisando um *corpus* de pesquisa composto de mensagens trocadas entre orientador e orientando, a partir dos pressupostos foucaultianos dos modos de objetivação e dos modos de subjetivação e dos lacanianos de identificações, a autora percebe que a interação virtual mediada pela escrita favorece a economia pedagógica da correspondência: em virtude de associar a escrita de si e a materialização do caráter *parrhésico*, isto é, da economia própria da relação mestre e discípulo e da relação analista e analisando, pela qual aquele oferece a este a palavra precisa que o leva a se deslocar. Essa *parrhesía*, entretanto, requer, quando há indícios da ocorrência da transferência, uma modulação a partir de um bom manejo da transferência.

No capítulo “Escrita de si no *orkut*: identidade e (pós)-modernidade”, Eliana Maria Severino Donaio Ruiz, a partir de um *corpus* composto de textos inseridos em *orkut*, dirige o olhar para a escrita de si (Foucault 2004) em textos de *perfil*, com o objetivo de analisar que efeitos de sentido a materialidade linguística produz a ponto de permitir o estabelecimento de relações entre esse dizer e o discurso da (pós)-modernidade. A autora conclui que, embora ao falar de si para o outro que o visita na página, o sujeito instaura um movimento de

narrativização que ficcionaliza uma identidade para si, uma vez que, é contando nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo, esse movimento do usuário que escreve sobre si aponta para um desejo de identidade fixa, homogênea, pautada na totalidade, que ele não percebe ser ilusório, assim como não percebe que o outro para quem escreve também é heterogêneo, constituído por cisões, divisões, contradições, paradoxos de múltiplas ordens. Na versão que o internauta elabora de si mesmo em resposta à questão (im)posta pelo sistema, esse desejo de identidade estável se constitui, por um lado, num desejo de pertencer a um grupo específico de indivíduos cujos relacionamentos se dão, em grande parte, num (não)lugar (pós-)moderno típico: o *orkut*; por outro, de ser reconhecido como alguém de valor nesse mercado virtual de relacionamentos.

No capítulo “Windows, *shodó* e *ethos*: uma teleologia do sujeito ético pela escrita virtual”, Elzira Yoko Uyeno, tendo composto um *corpus* a partir de mensagens trocadas, via *e-mail*, entre um professor universitário e seus alunos relativas a atividades de leitura e escrita desenvolvidas por estes, analisa a função *ethopoietica* da escrita virtual, entendida como a potencialidade da escrita no processo de construção do sujeito ético. Encontrando pontos de intersecção entre a economia do *shodó*, arte milenar da escrita ideográfica japonesa, praticada pelo *samurai*, guerreiro medieval, para efeito de controle sobre si e a economia da escrita da ordem da *áskeesis*, no sentido de ascese, não como renúncia ao prazer (de prescrição cristã), mas como um “adestramento de si por si mesmo”, de tradição grega clássica, a autora é levada a pensar no caráter universal da escrita de si. Associando a leitura, a escrita, a reflexão sobre os fatos cotidianos e sobre eles escrevendo, os alunos revelaram passar por processos de subjetivação em direção a um sujeito ético; daí a teleologia do sujeito ético vislumbrado pela escrita de si de postulação foucaultiana.

Na segunda parte *Leitura e ensino-aprendizagem de língua a distância*, reúnem-se estudos que focalizam processos pedagógicos relativos à leitura em atividades de ensino de línguas materna e estrangeira em ambiente virtual.

Em seu capítulo, “Transposição didática no ciberespaço: uma nova ordem do discurso pedagógico?”, Maria de Fátima S. Amarante analisa um *corpus* de pesquisa constituído a partir do discurso produzido em um curso de leitura em inglês como língua estrangeira mediado por computador, oferecido por uma

universidade particular do estado de São Paulo, com foco na encenação da comunicação no discurso pedagógico. A autora visou a entender em que medida os diversos discursos parcelares produzidos no interior do discurso pedagógico do ciberespaço no contexto delimitado apresentam diferentes configurações em sua materialidade linguística. Resultados da análise permitiram à autora concluir que, com o advento da Internet, as relações estabelecidas entre leitor e texto foram de certo modo afetadas, abrindo espaço para novas formas de subjetivação e outros gêneros textuais que não são melhores nem piores que os anteriores, apenas diferentes. No contexto de pesquisa analisado, o texto imagem mostra ao aluno tanto a “multiplicidade” de caminhos e as possibilidades de que ele dispõe, como o coloca em movimento, mais dentro do que fora dos limites de um discurso fonte, apontando, portanto, tanto para a completude, fechamento, quanto para a incompletude, abertura. Na mesma operação, o discurso pedagógico no ciberespaço analisado fecha e abre a questão da autoria, pois é o discurso controlado e controlador das *homepages* que constantemente abre ao aluno a possibilidade de se tornar autor, permitindo oportunidade para criar o discurso no espaço do afloramento das subjetividades propiciado pela leitura interpretativa. Constituído pela nova distribuição espacial, temporal e relacional dos sujeitos e dos objetos do conhecimento, característica das relações de poder no ciberespaço, o discurso de transposição didática torna-se meio de aprendizagem colaborativa e espaço de proliferação do leitor-autor.

No capítulo, “Práticas contemporâneas: fabricação de discursos e de “novos” regimes de verdade”, Fernanda Correa Silveira Galli analisa os possíveis deslocamentos identitários provocados pelo fenômeno da globalização e pela cultura digital, a partir das representações construídas pelo aluno-leitor em relatos escritos sobre a leitura no (ciber)espaço. A autora analisa os discursos fabricados pela (pós-)modernidade no que se refere à leitura nas páginas da internet. Resultados da pesquisa empreendida levaram a autora a concluir que, embora o sujeito-aluno se constitua nas e pelas práticas contemporâneas, a análise dos excertos – sobre a(s) prática(s) de leitura nas páginas da internet – aponta para discursividades que se caracterizam no imbricamento de (muitas) vozes, as quais instauram subjetividades que estão constantemente se (re)configurando e transitam entre o “velho” e o “novo”: os “novos” regimes de verdade instaurados na contemporaneidade não rompem totalmente com os “velhos” regimes, mas ambos se constituem e (re)criam-se mutuamente, de modo que o sujeito-leitor

parece estar, sempre e inevitavelmente, no “entre”, ocupando “mais de um lugar” e desempenhando “muitos papéis”.

Em “Leitura interpretativa no ciberespaço: o discurso dos aprendizes”, Maria de Fátima S. Amarante, em complementação ao capítulo “Transposição didática no ciberespaço: uma nova ordem do discurso pedagógico?”, analisa discursos de leitura interpretativa produzidos em contexto mediado por computador. A análise do *corpus* leva a autora a ratificar o postulado por Castells (2003, p. 45), de que o ambiente virtual é um espaço em que há uma convergência entre os seres humanos, onde podem encontrar liberdade para percorrer lugares diferentes e deixar sua criatividade aflorar por meio da cooperação, reciprocidade, liberdade e informalidade. Apesar de haver evidências de que tanto em portfólio como em salas de bate-papo há questões relacionadas ao apagamento do autor do discurso fonte e à disseminação da autoria do leitor que indicam que se está fundando uma nova ordem do discurso no ciberespaço pedagógico, é no discurso que ocorre nas últimas, que esta nova configuração ganha espaço, constituindo-se um ambiente que atende aos propósitos de promoção de leitura interpretativa no ciberespaço.

No capítulo, “A antropomorfização no discurso sobre a tecnologia: um estudo de caso”, Valesca Brasil Irala, refletindo sobre os efeitos do que se denominou “virada tecnológica” no discurso pedagógico que legitimou tanto a inserção dos recursos tecnológicos mediados por computador no ensino presencial quanto a Educação a Distância (EaD), analisa discursos advindos da disciplina optativa de Letramento Digital do currículo do curso de Letras de uma universidade federal do interior do Rio Grande do Sul. Resultados da pesquisa levaram a autora a concluir que a apropriação da tecnologia digital pode ser, na vida cotidiana, um dado, mas, por outro lado, na vida acadêmica, no curso de licenciatura, que forma professores para a educação básica, ser um apêndice, um anexo, ocupando um espaço reduzido tanto ao longo de sua formação quanto nos espaços institucionais de atuação profissional futura. Daí o discurso externo sobre as vantagens, necessidades e benefícios de uma educação mediada pela tecnologia digital se incorporar aos enunciados dos alunos não sem um conjunto de senões.

A terceira parte, intitulada *Discurso Político-Educacional, poder e verdade no ciberespaço*, comporta capítulos que têm como proposta levantar as implicações políticas dos discursos que transitam no e sobre o ciberespaço.

Balizando-se pela perspectiva teórica de Foucault acerca das relações de poder-saber, dos regimes de verdade, e ainda de postulados de autores pós-críticos, como Bauman, o capítulo “Entre a memória e o acontecimento: Educação e Novas Tecnologias – metáforas do progresso”, de Thiago Manchini de Campos, inaugura a terceira parte desta coletânea, apresentando como proposta perscrutar os sentidos veiculados pelas Novas Tecnologias aplicadas à Educação no que tange às metáforas de progresso. Tomando como condições de produção as imagens que remontam ao aparecimento da ONU e da UNESCO, Campos empreende uma análise discursiva de um panfleto de divulgação intitulado “A UNESCO e a Educação”, focando nas Novas Tecnologias. A análise (des)vela imagens dicotômicas que transitam na memória do discurso político educacional como – da falta X preenchimento da falta; da estagnação X progresso, – sendo que as Novas Tecnologias operariam como um fator relevante em prol da emancipação e progresso. Para o autor, contudo, os sentidos levantados se inscrevem, na verdade, na memória discursiva do que pode e deve ser dito no âmbito educacional.

Na esteira do capítulo anterior, à luz das teorias discursivas acerca do discurso, sujeito e identidade e da perspectiva foucaultiana de poder e saber, enquanto imbricados nas relações entre os sujeitos, o capítulo “(Re)torcendo os fios do discurso político educacional da EaD: uma análise dos documentos do MEC”, de autoria de Tais Aparecida Lima e Márcia Aparecida Amador Mascia, objetiva problematizar o DPE vigente, tomando como *corpus* de análise documentos do MEC sobre a EaD. O questionamento consiste em perscrutar se as relações de poder-saber que transitam na materialidade desses documentos instauram “novos” regimes de verdade e faz emergir um “nova” concepção de sujeito. A análise empreendida pelas autoras apontou para dois grandes eixos, a partir dos quais o discurso da EaD mobiliza sua argumentação: um discurso da ação – um dizer que é fazer – e um discurso da qualidade – o neoliberalismo. Ambas as regularidades materializam-se em dicotomias já instauradas e solidificadas no discurso educacional, não dando emergência, portanto, a novos regimes de verdade, sendo que, para as autoras, o único efeito novo é o veículo, neste caso, o virtual.

Para encerrar a terceira parte da presente coletânea, apresentamos o capítulo de Terezinha Rivera Trifanovas, intitulado “A discursivização do perfil de autonomia do aprendiz de EaD como forma de homogeneização das suje-

tividades”. O capítulo espelha uma pesquisa que se caracteriza como um estudo de caso de um curso de idiomas, oferecido por uma empresa multinacional aos seus funcionários. A partir da perspectiva discursiva e dos estudos foucaultianos das relações de poder-saber e regimes de verdade, a autora empreende uma análise dos *e-mails* trocados entre coordenadores, professores e alunos, objetivando discutir como se dá a legitimação de mecanismos de relação de poder e saber, bem como suas consequências na constituição das subjetividades. Para tanto, busca problematizar o discurso da autonomia do sujeito de EaD. A análise comprova a hipótese de que a autonomia do aluno de ensino a distância (EaD) é proveniente de práticas naturalizadas, quase imperceptíveis, e, por isso, mais eficientes, de legitimação de poder, as quais propiciam maior controle mútuo de uns sobre os outros (professores, alunos, coordenadores).

A quarta parte, com o título *Subjetividades e representações em novas tecnologias*, traz à tona algumas representações de subjetividades, de identidades e, também, de gêneros que atravessam as novas tecnologias, no mundo contemporâneo.

O capítulo de Claudete Moreno Ghiraldelo, “Aparelhos celulares, consumidores de baixa renda, subjetividades”, inaugura a quarta e última parte desta coletânea, apresentando uma análise das subjetividades contemporâneas. A investigação consistiu em levantar, nas falas de dois grupos de sujeitos – de baixa e de média ou alta renda – o papel do celular na constituição de suas subjetividades, tomando como hipótese que, para os de baixa renda, o consumo do aparelho celular representa simbolicamente a inclusão social. A análise apontou uma regularidade tanto para os de baixa renda quanto para os de alta e média renda: que o discurso de se adquirir celulares se sustenta pela necessidade e pela novidade, apontando para uma certa “igualdade social”. Porém, as entrelinhas dos dizeres dos mais ricos revelam, segundo a autora, que, para eles, a minimização das desigualdades sociais não é tão desejada.

Tomando o orkut como *corpus* de análise, o capítulo “Um passeio pelo *orkut*: representações sobre o ‘ser brasileiro’”, de Angela Derlise Stübe Netto, dedica-se a analisar três comunidades na tentativa de levantar as regularidades discursivas ou as representações da memória do que é “ser brasileiro”. O *corpus* consistiu nas seguintes comunidades: “eu amo ser brasileiro”, “eu sou brasileiro e não desisto nunca” e “sou brasileiro e desisti”. A análise empreendida pela autora aponta para uma marca contraditória das comunidades virtuais: da necessidade de laço, mas da fluidez das relações. Por sua vez, as representações

sobre “ser brasileiro” assentam-se na tensão entre os sentidos estabelecidos e a emergência de possíveis deslocamentos.

O capítulo “Subjetividades Bilíngues no Ciberespaço”, de autoria de Márcia Aparecida Amador Mascia, tem como proposta problematizar a concepção de cibersujeitos bilíngues, no ambiente virtual, levando-se em consideração o confronto/conflito entre língua materna, no caso, a língua portuguesa e língua estrangeira, no caso, a língua inglesa. Tomando como ponto de partida que a identidade está em constante movimento, o capítulo analisa *e-mails*, buscando apontar que tanto a desterritorialização ocasionada pelo ciberespaço quanto o desejo e o lugar ocupado na língua do outro constituem-se em terrenos férteis para que haja deslocamentos. Verificou-se que a constituição identitária do sujeito bilíngue opera pelos efeitos advindos no e pelo trânsito entre LM e LE que se materializam em dois sentidos: a LM aparece como o lugar mais apropriado do profissional, do acadêmico etc. e a LE (inglês) é o terreno, para o sujeito bilíngue, no qual ele deixa resvalar o seu lado emocional e introspectivo dando-se o direito (embora não consciente) de irromper aquilo que “fora interdito” pela e na LM.

Com um olhar voltado para os efeitos das novas tecnologias nas subjetividades contemporâneas, o capítulo, “O uso terapêutico do ‘Second Life’: um simulador de identidades”, de autoria de Maria José Coracini e Taís Aparecida Lima, tem como proposta investigar o simulador virtual *Second Life* (SL). Do ponto de vista teórico, o capítulo problematiza o sujeito cartesiano e postula o sujeito do desejo ou do inconsciente, mas que estaria dando lugar, neste momento contemporâneo, à emergência de um novo sujeito, do excesso ou do gozo, aquele que subjetiva os objetos, principalmente os relacionados à mídia, à imprensa e às (novas) tecnologias. O *corpus* analisado é composto a partir de dizeres da mídia sobre o simulador SL. A análise evidencia que, apesar de todo o caráter de inovação atribuído ao simulador SL, o programa apenas traveste-se de novo, repetindo valores do mundo chamado “real” e, embora pretenda funcionar como uma medicalização, com efeito terapêutico, realizando sonhos e ideais, ele apenas aplaca a dor ou o sofrimento, pois não promove o deslocamento subjetivo, apesar de produzir efeitos ainda pouco conhecidos. O que é possível afirmar é que, a despeito de apontar para o sujeito do gozo, que busca transpor no SL os limites impostos pela vida simbólica, a análise também permitiu a observação de traços do sujeito do desejo, que remete a padrões morais e vigentes na realidade.

Para encerrar esta coleção, apresentamos o capítulo “Representações verbais e não verbais: de gêneros digitais em enunciados escolares”, de Gelsiane Resende Gontijo Grigoletto e Fabiana Komesu. Balizadas pelos pressupostos de Bakhtin a respeito do caráter dialógico da linguagem, pela reflexão de Corrêa acerca de um sentido amplo da noção de letramento e ainda pelo paradigma indiciário, proposto por Ginzburg, as autoras têm como proposta analisar representações verbais e não-verbais acerca de gêneros digitais em enunciados produzidos por alunos regularmente matriculados em uma 4ª série de Ensino Fundamental público. As autoras concluem que, de uma perspectiva heterogênea da linguagem, essas marcas (que apontam para as representações) mostram-se significativas, enquanto índices das práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas que circulam numa sociedade, as quais permitem avaliar que até mesmo sujeitos que não têm acesso direto aos gêneros digitais são capazes de representá-los. Entretanto, o que ainda se vê, segundo as autoras, é que as práticas de ensino se restringem ao ensino de normas da língua padrão.

Finalizando, gostaríamos de agradecer a todos os pareceristas *ad hoc* – Claudete Moreno Ghiraldelo, Eliana Maria Severino Donoio Ruiz, Eliane Righi, Ernesto Sergio Bertoldo, Juliana Santana Cavallari, Vania Guerra – autores ou colegas do grupo de pesquisa, pela leitura cuidadosa, sugestões, críticas que enriqueceram os capítulos aqui apresentados e contribuíram para a qualidade desta obra.